

ESPAÇOS CEMITERIAIS NA FORMA DA CIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES E HUMANIZAÇÃO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

ALINE SILVA SANTOS
DOUGLAS LUCIANO LOPES GALLO

aline.santos@ifsp.edu.br
douglas.luciano@ifsp.edu.br

 10.64082/phs.2025.01.5.3

RESUMO

O mundo contemporâneo e urbano tem apresentado uma série de desafios que demandam propostas assertivas e integradas para a um urbanismo mais saudável e humano. Uma cidade mais humana privilegia espaços inclusivos, acessíveis e voltados para as necessidades, o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas. Dentro dessa lógica, os espaços cemiteriais desempenham um papel significativo devido ao seu caráter multifacetado, que transcende o aspecto sanitário utilitário relacionado ao sepultamento de corpos, apresentando também funções nas dimensões culturais, históricas, sociais e ambientais do contexto em que estão inseridos. Por geralmente ocuparem, extensões expressivas do tecido urbano, são locais que podem se tornar verdadeiros enclaves se não forem projetados para dialogar com o sistema de espaços livres das cidades e com o contexto social em que estão localizados. Assim, este artigo visa refletir sobre as contribuições dos espaços cemiteriais na configuração das cidades contemporâneas, tendo como recorte a cidade de São Paulo, problematizando seu impacto na morfologia urbana e potencialidade na configuração do Sistema de Espaços Livres, refletindo na humanização das cidades. Quanto ao método escolhido, baseou-se em uma revisão integrativa da literatura sobre a temática, juntamente com trabalho de campo que consistiu em incursões etnográficas realizadas entre 2012 e 2024.

Palavras-chave: morfologia urbana; sistema de espaços livres; cidade humana; espaços cemiteriais; planejamento urbano saudável.

ABSTRACT

Cemeterial spaces in the shape of the city: contributions to the open space system and the humanization of contemporary cities

The contemporary urban world has presented challenges that demand assertive and integrated proposals for healthier and more humane urbanism. A more humane city favors spaces that are inclusive, accessible, and geared toward people's needs, well-being, and quality of life. Within this logic, cemeteries play a significant role due to their multifaceted character, which transcends the utilitarian sanitary aspect related to the burial of bodies, also presenting functions in the cultural, historical, social, and environmental dimensions of the context in which they are inserted. Because they generally occupy significant extensions of the urban fabric, they can become real enclaves if they are not designed to interact with the city's open space system and the social context in which they are located. Thus, this article aims to reflect on the contributions of cemetery spaces in the configuration of contemporary cities, focusing on São Paulo, questioning their impact on urban morphology and potential in the configuration of the open space system, and reflecting on the humanization of cities. The method chosen was based on an integrative review of the literature on the subject, together with fieldwork that consisted of ethnographic incursions carried out between 2012 and 2024.

Keywords: urban morphology; open space system; human city; cemeterial spaces; healthy urban planning.

EM UMA CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA

de mundo em que o urbano se faz fragmentado e estandardizado, a humanização das cidades é um desafio (Gallo, 2020). Em meio ao rápido crescimento das cidades e expansão das áreas metropolitanas, tornou-se essencial repensar o desenho urbano e o planejamento com foco na promoção de cidades mais saudáveis (Sperandio, Camargo e Bloes, 2022), onde a vegetação desempenha função essencial. E, nesse sentido, destacam-se os espaços cemiteriais, aqui considerados cemitérios e crematórios. Estes, podem ocupar extensas áreas da malha urbana, configurando-se como componentes relevantes do Sistema de

Espaços Livres (SEL) urbanos (Santos, 2024). Entretanto, sem um planejamento e tratamento que dialogue com este sistema, podem transformar-se em verdadeiros enclaves. Isso posto, o presente trabalho objetiva refletir sobre o papel dos espaços cemiteriais na configuração das cidades contemporâneas, tendo como recorte a cidade de São Paulo, problematizando seu impacto na morfologia urbana e potencialidade na configuração do SEL, refletindo na humanização das cidades. Pretende-se analisar como esses locais, frequentemente associados apenas à morte e ao luto, contribuem de forma significativa para a constituição de espaços urbanos mais humanizados e inclusivos.

Os espaços cemiteriais, para além de sua função sanitária no manejo dos corpos dos mortos, podem ter múltiplos papéis, ao contribuir para a valorização e qualificação da cidade na sua apreensão como lugares de memória, convivência e conexão mais estreita com a dimensão natural. Esses aspectos mostram sua potencialidade no que se refere à promoção de cidades mais humanas, ao se entender que uma cidade mais humana enfatiza a criação de espaços inclusivos, acessíveis e centrados nas necessidades, no bem-estar e na qualidade de vida das pessoas (Gallo, 2020).

Ao se analisar o contexto paulistano, por exemplo, nota-se que os espaços cemiteriais se prestam como locais de manifestações de memória, devoções religiosas populares, lazer, educação e turismo (Santos, 2024). Contudo, pontua-se que tais manifestações não são aceitas da mesma forma, nem ocorrem na mesma intensidade, a depender do tipo de cemitério, o público a que se destina e sua própria conformação. Dado como esses espaços compõem o imaginário popular – como locais inadequados para fruição desinteressada ou então de medo, por exemplo –, ou mesmo de acordo com a postura dos administradores, essas expressões podem ser preteridas, de modo que muitas vezes se observam que são realizadas de maneira rápida ou clandestina (Santos, 2024). Assim, dentro das suas diferentes configurações, são espaços que podem favorecer ou não a apropriação popular.

Pode-se dizer que os espaços cemiteriais são um reflexo da cidade dos vivos, em suas diversas organizações, tensionamentos e conflitos (Cymbalista, 2002; Fuchs, 2019; Santos, 2024), apresentando uma pluralidade de sociabilidades

e apropriações criativas, sendo um ambiente impregnado de vivacidade. Assim, adotar uma leitura compreensiva fundamentada na perspectiva da complexidade pode colaborar para o planejamento de cemitérios e crematórios que sejam acolhedores para com as pessoas e que contribuam positivamente com o SEL, tanto na perspectiva social quanto ambiental.

METODOLOGIA: O FAZER ETNOGRÁFICO

Para as reflexões propostas, utilizou-se como método uma revisão integrativa da literatura referente ao tema, além de incursões etnográficas a cemitérios e crematórios paulistanos entre os anos de 2012 e 2024. Tais incursões fazem parte do trabalho de dissertação e de tese de um dos autores (Santos, 2015; Santos, 2024), além de atividades desenvolvidas junto ao Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU) vinculado ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) realizadas pela mesma pesquisadora.

Considerado um “modo de acercamento e apreensão” (Magnani, 2002, p. 17), a etnografia conta com planejamento e estabelecimento de idas recorrentes ao local de pesquisa, contato com os atores sociais e identificação de suas dinâmicas. Segundo Magnani (2009, p. 135), é “uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte”. Nessa perspectiva, a observação participante é fundamental pois, nessa técnica,

observação e participação influenciam-se mutuamente de modo que é possível não apenas entrar em contato com respostas inesperadas às perguntas iniciais, mas descobrir novas perguntas. Essa imprevisibilidade não deve ser vista como um problema, mas como uma parte fundamental do processo de entrar em contato com outras maneiras de estar no mundo e aprender a pensar a partir de seus termos (Magnani *et al.*, 2023, p. 123).

Ainda no que se referente ao fazer etnográfico, adota-se a “descrição densa” do antropólogo Clifford Geertz (2008), em que o pesquisador não é mero observador e descritor, mas realiza uma interpretação a partir do que vê em campo. Tal exercício compõe material a ser articulado com o campo teórico

pois, como indica a antropóloga Mariza Peirano (2008, p. 3), a etnografia é a “própria teoria vivida”.

POR CIDADES MAIS HUMANAS

Pode-se dizer que a dimensão humana tem sido esquecida, negligenciada, ou mesmo negada pelo planejamento urbano tradicional – racionalista, funcionalista e moderno. Embora as primeiras críticas a este modelo de pensamento das cidades tenham surgido há seis décadas, nos anos 1960 (Lynch, 1997; Jacobs, 2009), muito da prática em planejamento urbano permanece, ainda hoje, baseada na ideia modernista de racionalidade e funcionalidade, materializada no zoneamento monofuncional. Assim, é salutar que sejam pensadas estratégias que favoreçam apropriações da cidade de modo a propiciar melhor qualidade de vida às pessoas. E, ao se considerar a qualidade de vida e a qualidade do lugar na cidade contemporânea, faz-se necessário repensar as escalas e a forma como as cidades são projetadas. Um planejamento que busca criar uma cidade para pessoas, deve fomentar a vitalidade dos espaços urbanos, tendo a escala humana e a qualidade ambiental como parâmetros (Gehl, 2018).

Desse modo, os novos desafios globais para as cidades contemporâneas são um aspecto de preocupação mais direcionado à dimensão humana. O planejamento nessa perspectiva demanda, assim, enfoques que considerem as necessidades das pessoas que vivem nas cidades, ou seja, cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Ruas mais caminháveis e com espaço público adequado e convidativo, por exemplo, geram mais vitalidade e tornam a própria rua mais observada, engendrando, conseqüentemente, uma sensação maior de segurança (Svarre e Gehl, 2017; Jacobs, 2009). A cidade torna-se viva sempre que as pessoas se sentirem convidadas a circular e permanecer nos espaços urbanos. Nessa perspectiva, a pluralidade do espaço público, ou melhor, no “lugar público”, conforme categoria delineada por Queiroga (2012) é de suma importância, sobretudo no que se refere as atividades sociais e culturais, bem como as demais atrações associadas a uma cidade.

O debate sobre a noção de cidade humana deve dar conta, de forma integral, da complexidade da condição contemporânea da vida nas cidades. Isso porque uma cidade humana seria aquela “com espaços de qualidade e pensados para

a escala das pessoas, possibilitando uma vida rica em diversidade e respeito, cuja convivência se desse com acolhimento” (Gallo, 2020, p. vii). Acrescenta-se ainda que, em meio ao processo acelerado e irreversível de urbanização do globo e expansão das áreas metropolitanas, é fundamental repensar o desenho urbano e o planejamento com foco na promoção de espaços e cidades mais saudáveis (Sperandio, Camargo e Bloes, 2022). A partir do exposto, dentre os aspectos relevantes para a promoção de cidades humanas, elencaram-se alguns temas que se articulam ao debate de apropriações possíveis dos espaços cemiteriais.

OS ESPAÇOS CEMITERIAIS DE SÃO PAULO

No Brasil, embora a prática da cremação esteja em ascensão, o sepultamento ainda predomina como forma de lidar com os corpos dos falecidos, resultando em um número maior de cemitérios do que crematórios no país. Há basicamente três tipos de cemitérios: os chamados cemitérios tradicionais, que vêm dos primeiros cemitérios do país, com túmulos construídos, estátuas e capelas; os cemitérios parque/jardim, que são dominados por túmulos com vegetação sem construções acima do solo; e os cemitérios verticais, que consistem em construções com túmulos colocados em lóculos uns sobre os outros. Dependendo de onde estão localizados e de como foram apropriados ao longo do tempo, eles podem ter configurações diferentes, mas basicamente há características que permitem que sejam colocados dentro dessas três tipologias principais. Quanto aos crematórios, geralmente são instalados junto a cemitérios-parque, sendo menos comum a forma como foi instalado o primeiro crematório do país, na cidade de São Paulo, localizado em um terreno reservado exclusivamente para esse fim (Santos, 2024).

São Paulo possui quarenta e um cemitérios, entre particulares e municipais, além de seu único crematório. Desses, o crematório e vinte e dois cemitérios pertencem ao município, que permaneceram públicos e administrados pelo Serviço Funerário Municipal de São Paulo até 2023, quando foram concessionados ao setor privado (Santos, 2024). Em termos de conformação espacial, aproximadamente 46% têm morfologia próxima à tipologia parque/jardim (QUADROS 1 e 2).

QUADRO 1
Cemitérios municipais de São Paulo
(Atualmente concessionados para a iniciativa privada)

NOME	ANO FUNDAÇÃO	TIPO
Araçá	1887	tradicional
Campo Grande	1953	tradicional
Consolação	1858	tradicional
Dom Bosco (Perus)	1971	parque
Freguesia do Ó	1901	tradicional
Itaquera (Vila Carmosina)	1929	predominantemente parque
Lageado	1904	tradicional
Lapa	1918	tradicional
Parelheiros	1905	tradicional
Penha	1896	tradicional
Quarta Parada	1893	tradicional
Santana	1896	tradicional
Santo Amaro	1857	tradicional
São Luiz	1981	parque
São Paulo	1926	tradicional
São Pedro	1971	predominantemente parque
Saudade	1960	tradicional e parque
Tremembé	1933	tradicional
Vila Formosa I	1949	parque
Vila Formosa II	1976	parque
Vila Mariana	1904	tradicional
Vila Nova Cachoeirinha	1968	predominantemente parque

QUADRO 2
Cemitérios municipais de São Paulo
(Atualmente concessionados para a iniciativa privada)

NOME	ANO FUNDAÇÃO	TIPO
Santíssimo Sacramento da Catedral de São Paulo (Araçá)	1899	tradicional
Ordem terceira do Carmo (Consolação)	1862	tradicional
Cemitério da Paz	1965	parque
Cemitério de Colônia	1829/2000	tradicional
Cemitério de Congonhas	1972	parque
Cemitério Parque Morumbi	1968	parque
Cemitério do Redentor	1924	tradicional
Cemitério dos Protestantes (Consolação)	1856/ 1862 (primeiro enterro)	tradicional
Gethsêmani	1971	parque
Israelita Butantã	1954	tradicional
Israelita Vila Mariana	1921/1923 primeiro enterro	tradicional
Cantareira	1985 / 1990 (primeiro enterro)	parque
Parque Cerejeiras	1993	parque
Parque Girassóis	1985	parque
Parque dos Pinheiros	1998	parque
Parque Gethsêmani Anhanguera	1997	parque
Parque Jaraguá	1984	parque
Horto Florestal	1977	parque
Cemitério do Carmo	1983	parque



Il. 1: Cemitério da Paz, privado.
Fonte: Aline Santos, 2011.



Il. 2: Cemitério Vila Nova Cachoeirinha, municipal
Fonte: Aline Santos, 2023.

De acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), no artigo 2º da Resolução 335 de 2003, os termos “cemitério parque” e “cemitério jardim” são equivalentes, sendo definidos como “aquele predominantemente coberto por jardins, livre de construções de sepulturas, e no qual as sepulturas são identificadas por uma lápide, ao nível do solo, e de pequenas dimensões” (Brasil, 2003). Deve-se observar que esse é o modelo utilizado pelos cemitérios particulares mais recentes e também pela maioria dos cemitérios para os setores mais pobres da população. No entanto, a diferença entre eles é significativa: enquanto, em geral, os cemitérios privados têm espaços bem organizados e bem cuidados conforme visto na ilustração 1, os cemitérios populares municipais – agora sob gestão privada – tendem a ter espaços que carecem de manutenção e acessibilidade. (Il. 2)

O POTENCIAL DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS DE SÃO PAULO PARA UMA CIDADE MAIS HUMANA E RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O SEL

Tendo em vista que uma cidade que considera a dimensão humana no mundo contemporâneo promove o acolhimento, o acesso pleno à vida urbana e a qualidade ambiental (Gallo, 2020), destacam-se para esta reflexão alguns temas em que os espaços dos cemitérios paulistanos poderiam colaborar para a construção de cidades mais humanas. Entre eles: contribuições ambientais; contribuições para expressões religiosas populares; lugares de memória. Ressalte-se, ainda, que esses não são todos os potenciais possíveis desses espaços, mas foram selecionados para a discussão aqui apresentada, levando-se em conta a extensão deste artigo. Vale ter em mente que de acordo com o Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais - IPCCIC (2019), para que uma cidade seja humana deve-se colocar o ser humano em primeiro lugar, sem ressalvas, seja nas políticas públicas ou na gestão urbana e dos serviços públicos. Esta é uma necessidade premente e um desafio, tendo em vista que a busca do lucro e da reserva de mercado não poderia se sobrepor aos interesses do bem comum.

CONTRIBUIÇÕES AMBIENTAIS E DE LAZER

Dependendo de sua localização e conformação, se forem áreas altamente vegetadas e permeáveis, os cemitérios podem prestar serviços ambientais, bem como locais de desfrute, apesar de sua função funerária. Além de

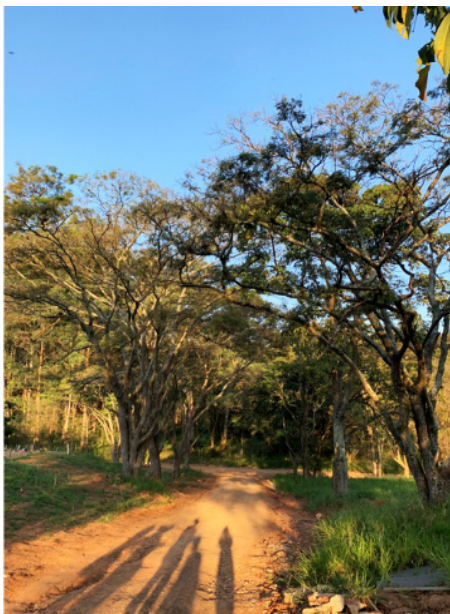
melhorar o entorno e o equilíbrio ambiental, os espaços livres verdejados contribuem para a qualidade de vida urbana por meio do desenvolvimento social, trazendo benefícios para o bem-estar e a saúde física e mental da população. Assim, proporcionam condições para (re)aproximar as pessoas da natureza, com condições estruturais que favorecem a prática de atividades físicas e recreativas. Se tiverem infraestrutura adequada, qualidade ambiental e segurança, entre outros fatores positivos, podem ser áreas atrativas para a população, impactando positivamente a qualidade de vida (Londe e Mendes, 2014) e constituindo espaços qualificados no SEL urbano.

Em São Paulo, as áreas de vários cemitérios-parque são grandes manchas verdes em meio a áreas altamente impermeáveis, como pode ser observado, por exemplo, no caso do cemitério da Vila Formosa (Il. 3). Esse cemitério, levando em conta suas seções I e II juntas, tem aproximadamente 763.175 m² e é considerado o maior cemitério da América Latina em termos de área. É também a quarta maior área verde da cidade de São Paulo, superada apenas por três parques (SF MSP, 2015). Ao se caminhar pelos seus espaços livres, observa-se uma arborização intensa, o que pode propiciar uma ambiência agradável conforme pode ser analisado nas ilustrações 4 e 5. Nesse sentido, há relatos de utilização pela população para caminhadas de lazer, uso este que poderia ser potencializado (Fuchs, 2019).

Ressalta-se ainda que o território abriga uma área de preservação permanente (APP), pois é atravessado pelo córrego da Água Rasa (Fuchs, 2019). A predominância de áreas permeáveis e vegetadas, permite ainda que este cemitério cumpra diversas funções ambientais, reduzindo as ilhas de calor, contribuindo para a drenagem das águas urbanas e sendo reduto da flora e da fauna urbanas. Desse modo, as características expostas conferem a esse cemitério o potencial de um parque urbano, podendo se prestar a ser uma área de lazer e desfrute para a população, além de suas funções ambientais. Esse potencial foi, em certa medida, explorado pelo Serviço Funerário Municipal de São Paulo no ano de 2015, que delineou e divulgou trilhas ecológicas no local (Santos, 2024). Entretanto, essa ação não teve prosseguimento nos anos subsequentes.



Il. 3: Imagem aérea do Cemitério Vila Formosa (I e II), destacado em amarelo, mostrando sua inserção no tecido urbano.
Fonte: Autores, 2024.



Il. 4 e 5: Imagens do Cemitério Vila Formosa, mostrando seus espaços livres densamente vegetados.
Fonte: Aline Santos, 2024.

Outro espaço cemiterial que pode ser destacado no sentido de lazer é o Crematório Municipal. Este, possui uma área de gramado em que há um uso intenso pelos moradores da região em que se insere, apesar de ser vizinho a um parque. No local, observa-se a sociabilidade dos frequentadores e, dentre as atividades destacam-se o passeio com cachorros, brincadeiras de crianças e descanso em cadeiras de praia trazidas pelos próprios vivenciadores do espaço (Il. 6). Além disso, até o ano de 2020, também era frequente a presença de entusiastas de pipa – um uso nem sempre harmonioso do espaço pois, por vezes, havia tensionamentos com os enlutados das cerimônias de cremação (Santos, 2015). Assim, pode-se dizer que nos espaços cemiteriais apresentados, sobretudo no crematório, há uma “parquealidade” pois, apesar de não serem parques, apresentam um uso que se aproxima deste (Queiroga, 2012).



Il. 6: Lazer no Crematório Municipal de São Paulo.
Fonte: Aline Santos, 2023.

A promoção de espaços livres cemiteriais qualificados, que dialoguem com seu entorno e promovam lugares que propiciem a apropriação da população para fruição, colaboram também no que se refere ao direito à paisagem. Entendendo-se a paisagem como algo que transcende o puramente visual, em que a experiência humano-mundo é fundamental (Lima *et al.*, 2017), os cemitérios e crematórios têm o potencial de abrigar ambiências que sejam

positivas para as pessoas, adicionando mais uma paisagem para fruição em meio à urbe.

CONTRIBUIÇÕES PARA AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS POPULARES

Com relação às religiosidades expressas nos cemitérios paulistanos voltados para as classes mais desfavorecidas, destacam-se as devoções católicas e as associadas às religiões de matriz africana, bem como as ligadas aos “santos populares”. Esses últimos são pessoas que, apesar de não serem oficialmente santos pelas instituições religiosas, a população lhes atribui santidade, milagres e orações (Gaeta, 1999). Por sua capacidade de conferir milagres, também são denominados de “milagreiros”. Como explica Andrade Junior, os milagreiros de cemitério

(...) pertencem a um rico complexo ritualístico, individual e coletivo de milhares, até, milhões de brasileiros que buscam neles conforto para suas mazelas. Milagres são pedidos ali no túmulo, único espaço material de contato direto como o morto especial. Velas e flores dividem espaço com ex-votos e uma infinidade de oferendas deixadas para eles em sinal de agradecimento por um milagre ou uma graça recebida. O cemitério como cidade, o túmulo como templo e morada eterna. Há no devoto um entendimento que uma cumplicidade orgânica se faz entre ele e seu milagreiro, já que em sua esmagadora maioria fazem parte de uma cultura local, são reconhecidos como daquele espaço citadino, o que significa que conhecem onde tudo aconteceu e continua acontecendo. Esta proximidade territorial entre o devoto e o milagreiro amplia seu poder de resolução imediata de problemas e conflitos. Todos são dos mesmos locais (Andrade Júnior, 2017, p. 422).

Como se pode ver a partir do excerto acima, a sepultura do milagreiro é um espaço fundamental de devoção para diversas pessoas, mostrando a importância do espaço do cemitério nesse sentido. Em São Paulo, de acordo com estudo realizado, há doze cemitérios que abrigam vinte e três locais de pessoas “milagreiras” (Declercq, 2023a). O cruzeiro, elemento tradicional dos cemitérios brasileiros, que se configura como um marco central, é onde

tradicionalmente ocorre a maioria das devoções religiosas. No entanto, quando se trata de santos populares, a localização de seus túmulos se torna um local de peregrinação para prestar homenagens e agradecer pelas graças recebidas.

Em alguns casos, a devoção é tão significativa que eles se tornam monumentos oficiais dos próprios cemitérios. Um exemplo é o Memorial das Treze Almas no cemitério São Pedro. Trata-se do conjunto de treze sepulturas em que foram enterrados os corpos de treze vítimas não identificadas no incêndio no Edifício Joelma, ocorrido em 1974. Houve uma associação destas vítimas nunca identificadas com a história das Treze Almas Benditas, culto popular que foi acolhido oficialmente pela Igreja Católica Apostólica Romana (Santos, 2024).

Assim, atribui-se o *status* de milagreiras a essas pessoas enterradas, o que atrai muitos visitantes para o Memorial que rezam, acendem velas, fazem pedidos e deixam demonstrações de gratidão pelas graças alcançadas (Santos, 2024). Observa-se ainda a oferta de água, flores e pães sobre os túmulos (Il. 7). A relevância é tanta que em 1993 um antigo e ativo morador da região construiu uma pequena capela ao lado das sepulturas, em que os devotos podem se manifestar (Zadra, 2010) e hoje a área é cercada dentro do cemitério. Nesse local, observa-se uma multiplicidade de referenciais religiosos que se mesclam com a fé relativa às almas inumadas.



Il. 7: Memorial das Treze Almas no Cemitério São Pedro com devoções populares.
Fonte: Aline Santos, 2021.

CONTRIBUIÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA

Os cemitérios, como locais para a disposição dos mortos, são locais de expressão de luto e lembrança do falecido. Entretanto, no caso dos cemitérios para os setores menos favorecidos da sociedade, esses espaços muitas vezes não são devidamente cuidados e respeitados pelas organizações que os administram. Em vários cemitérios municipais do tipo parque, não há um projeto coerente nem acessibilidade aos túmulos. Além disso, as sepulturas são temporárias, com duração de três anos, após os quais os restos mortais são enviados para ossuários. O túmulo efêmero e, por vezes precário, mostra-se como um reflexo das condições de precariedade de moradia a que são submetidos diversos cidadãos.

Apesar dessas condições nos cemitérios, muitas pessoas resistem e criam espaços de memória para seus mortos com suas próprias mãos, construindo criativamente jardins sobre seus túmulos de acordo como pode ser observado na Ilustração 8 (Santos, 2024). Essa atitude demonstra a importância desses lugares para a população que, se qualificados, podem tornar as cidades mais humanas, respeitando o direito dos cidadãos de ter um lugar para honrar seus mortos. Pontua-se que, no entanto, o fato do concessão para a iniciativa privada caminha no sentido contrário a esta lógica, não promovendo a melhora dos espaços e até mesmo cobrando valores abusivos da população empobrecida para sepultamento de entes queridos (Kruse, 2023; Declercq, 2023b; Petrocilo, 2024).



Il. 8: Sepultura no cemitério São Pedro coberta por jardim realizado por enlutada.
Fonte: Aline Santos, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em países com grandes desigualdades sociais, como o Brasil, pensar em cemitérios é um desafio. Isso porque, nas regiões metropolitanas e complexas, é latente a falta de condições básicas de sobrevivência de um importante setor da população. No entanto, é imperativo perceber que o direito à cidade não deve consistir apenas em direitos básicos, como moradia, saneamento básico e segurança alimentar. As pessoas devem ter o direito à paisagem, a locais de diversão, de manifestação religiosa e cultural, onde também possam se expressar em termos de memória, garantindo-lhes a própria humanidade. Muitas vezes, o pobre, esquecido nas grandes cidades, vive uma vida de apagamento, e também é apagado após sua morte, sem um espaço digno para dispor de seu corpo, sem o direito de ser lembrado por um ente querido. Assim, entende-se que também é uma violência contra o cidadão não ter um espaço onde possa se expressar em relação ao seu luto, honrando seus mortos.

Além disso, com relação à questão ambiental, em um contexto de mudanças climáticas, é urgente criar espaços que favoreçam a drenagem das águas urbanas e também criar áreas que mitiguem as ondas de calor, bem como reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Nesse sentido, as áreas arborizadas com vegetação e solo permeável podem ser verdadeiros refúgios e áreas significativas que contribuem para a criação de cidades resilientes. Por fim, a partir do exposto, entende-se de que os espaços cemiteriais, componentes significativos do SEL, guardam um potencial que pode colaborar de forma expressiva para cidades mais humanas em suas diferentes dimensões.

REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, L.. Dos horrores aos humores: os cemitérios no cordel brasileiro. *In*: Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer [On line], V. 2, nº. 4, p. 412-437, 2019. DOI: 10.9789/2525-3050.2017.v2i4.412-437. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/8169>. Acesso em: 14.nov.2024.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA*. Resolução nº 335, de 03.abril.2003. “Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios”. Brasília: Diário Oficial da União, 2003.

CYMBALISTA, R.. *Cidade dos vivos*: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

DECLERCQ, M.. Devoções marginais: nos cemitérios de São Paulo, milhares de fiéis anônimos visitam túmulos de milagreiros informais. In: *Tab Uol*. São Paulo, 30 jun. 2023a. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/milagreiros-de-cemiterio/>. Acesso em: 14.nov.2024.

DECLERCQ, M. Cemitério da Saudade, em SP, tem ossadas expostas e covas reviradas. In: *TAB UOL*, 5 jun. 2023b. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/06/05/cemiterio-na-zona-leste-de-sao-paulo-tem-ossadas-expostas-e-covas-reviradas.htm>. Acesso em: 03.nov.2023.

FUCHS, F. 2019. *Espaços de cemitério e a cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.

GAETA, M. A. J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. In: *Mimesis*, Bauru, V. 20, nº. 1, p. 57-76, 1999.

GALLO, D. L. L.. *Cidade humana: a vida urbana e a promoção da saúde como qualidade de vida*. Tese (Doutorado em Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GEERTZ, C.. *A interpretação das culturais*. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GEHL, J.. *Vida nas cidades: como estudar*. São Paulo: Perspectivas, 2018.

IPCCIC, Instituto Paulista de cidades criativas e identidades culturais. Seis passos para a cidade humana. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

JACOBS, J.. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KRUSE, T.. Preços de serviços funerários em SP sobem mais de 400% para quem não tem direito a gratuidade. In: *Folha de S.Paulo*, Cotidiano, São Paulo, 22.mar.2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/precos-de-servicos-funerarios-em-spsobem-mais-de-400-apos-concessao.shtml>. Acesso em: 20.out.2023.

LIMA, C. P. C. S.; WEHMANN, H. E.; ALBURQUERQUE, E. M.; LIMA, G. C. S.. O direito ao (in) compressível: arte, cidade, paisagem e transformação social. In: *RUA [on line]*, V. 2, nº. 23, Nov./2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/rua.v23i2.8651144>. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/capa?publicacao_id=160 Acesso em: 1.ago.2024.

LONDE, P. R.; MENDES, P. C.. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. In: *Hygeia*. In: *Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, V. 10, nº. 18, p. 264–272, 2014. DOI: 10.14393/Hygeia1026487. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/26487>. Acesso em: 14.nov.2024.

LYNCH, K.. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGNANI, J. G. C.. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 17, nº. 49, São Paulo, junho 2002. DOI: 10.1590/S0102-69092002000200002.

MAGNANI, J. G. C., E. SPAGGIARI, M. H. V. G. NOGUEIRA, R. V. CHIQUETO, Y. B. TAMBUCCI. *Etnografias Urbanas: quando o campo é a cidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

MAGNANI, J. G. C.. Etnografia como prática e experiência. In: *Horizontes Antropológicos*, V. 15, nº. 32, p. 129-156, jul.2009.

PEIRANO, M.. Etnografia, ou a teoria vivida. In: *Ponto Urbe [On line]*, V. 2, p. 1-11, 2008. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1890>. Acesso em: 01.ago.2024.

PETROCILO, C.. *Concessionária pede R\$ 12 mil para enterrar recém-nascido em SP. Folha de S.Paulo*. São Paulo, 12.nov.2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/11/concessionaria-pede-r-12-mil-para-enterrar-recem-nascido-em-sp.shtml>. Acesso em: 14.nov.2024.

QUEIROGA, E. F.. *Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros*. 2012. Tese (Livre Docência em Urbanismo e Paisagismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. DOI:10.11606/T.16.2016.tde-07122016-101803. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-07122016-101803/pt-br.php>. Acesso em: 03.jan.2024.

SANTOS, A. S.. *Luto e jardim: (re)construindo vínculos no espaço cemiterial*. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2024.

SANTOS, A. S.. *Morte e paisagem: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

Serviço Funerário Municipal – SFMSP. 2015. *Trilha ambiental autoguiada é inaugurada no cemitério Vila Formosa*. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/aricanduva/w/noticias/59648>. Acesso em: 24.fev.2025.

SPERANDIO, A. M. G.; CAMARGO, C. H. T.; BLOES, R. B.. Cidades saudáveis: novos desafios para o planejamento urbano após 20 anos de Estatuto da Cidade. In: *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, V. 22, nº. 1, p. 50-68, 2022.

SVARRE, B. B.; GEHL, J.. A dimensão humana: uma abordagem sustentável do planejamento urbano. In: ANDRADE, V.; LINKE, C. C. *Cidades de pedestres: a caminhabilidade no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Babilônia, 2017.

Tab Uol. São Paulo, 5.jun.2023b. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/06/05/ceimiterio-na-zona-leste-de-sao-paulo-tem-ossadas-expostas-e-covas-reviradas.htm>. Acesso em: 03.nov.2023.

ZADRA, N.. *Vila Prudente: do bonde a burro ao metrô*. São Paulo: Autor, 2010.